

ESTUDOS DO I.S.C.A.A. II SÉRIE • Nº 1 • 1995
REVISTA DE PUBLICAÇÃO ANUAL

DIRECÇÃO: Joaquim José da Cunha

COORDENAÇÃO: José Fernandes de Sousa
Virgínia Maria Granate Costa e Sousa

CONSELHO CONSULTIVO: • Comissão Científica das Comemorações
• Professores Coordenadores das Áreas
ou domínios científicos do I.S.C.A.A.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE: Instituto Superior de Contabilidade e
Administração de Aveiro

APOIO ADMINISTRATIVO E ASSINATURAS: Biblioteca do I.S.C.A.A.
R. Associação Humanitária dos
Bombeiros Velhos de Aveiro
Apart. 58 - 3800 - Aveiro
Tel.:034)381977•381911;Fax.:28975

Preço deste Nº: 3 000\$00

ISSN: 0873-2019

Depósito legal nº: 922 54/95

Capa: Design. Francisco Espindola

Composição/impressão: Tipografia Minerva Central, Lda./1995

Comemorações do
Centenário do Nascimento do Professor



Jaime Lopes Amorim
(1891-1991)

Jaime Lopes Amorim

Instituto Superior de Contabilidade e Administração de
Aveiro

1992

PALAVRAS PROFERIDAS
pela
DR.^a MARIA LUÍSA AMORIM BRAUN,
“filha do homenageado”

Ex.mos Membros da Comissão Organizadora desta homenagem
Ex.mos Professores
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Eu não vou fazer um discurso. Vários foram já feitos e, considerando a densidade do programa desta sessão de trabalhos, deve o tempo ser bem aproveitado. Mas há necessidade — para mim uma obrigação moral — de dizer algumas palavras singelas, muito breves, também em nome da minha irmã, a agradecer esta homenagem prestada ao nosso pai.

Sinto-me muito inibida por vários motivos: primeiro, por o homenageado ser o nosso pai e, portanto, não ter eu o distanciamento necessário para poder falar sobre ele como os outros; em segundo lugar, porque, afastada há meia vida deste país, já não consigo falar aquele português escorreito doutros tempos. Por isso, peço desculpa a todos os presentes, invocando, ao mesmo tempo, a benevolência do meu pai.

Eu penso que, se esta homenagem tivesse sido feita pouco depois de ele ter falecido, seria, por assim dizer, a última pàzada: um modo de encerrar uma biografia e abrir caminho ao esquecimento, em boa consciência. Uma vez que, porém, se passaram já quase 20 anos sobre o seu falecimento, penso que esta homenagem tem, realmente, uma importância e um significado maiores. E o certo é que já os oradores que me precederam deram relevo e reconheceram o valor da pessoa do meu pai e da sua obra.

Eu pergunto a mim própria qual teria sido a sua reacção, se lhe fosse proposta uma homenagem enquanto vivo. Suponho que ele teria ficado embaraçadíssimo e tudo teria feito para impedir tal iniciativa. Porque as pessoas que o conheciam melhor — algumas disso deram já testemunho — sabem que o nosso pai era uma pessoa muito modesta e, para além disso, tímida.

Felizmente — ou infelizmente — porque ele já não se encontra entre nós, — não é capaz de impedir a sessão solene de hoje em sua memória; e imagino que se ele, por hipótese, tivesse a possibilidade de estar aqui a ver-nos e a ouvir-nos, estaria muito contente pelo facto em si, mas, não menos, por se achar impedido de comparecer fisicamente.

Eu não tenho habilitações, capacidade ou competência para me referir ao meu pai como homem de ciência, como intelectual. Essas referências foram aqui feitas. O nosso pai teve a pouca sorte de ter duas filhas que não percebem nada de Economia e, mais especificamente, de Contabilidade. Além disso, o nosso pai era uma pessoa que, em casa, pouco falava, minimamente aludia às suas tarefas profissionais; trabalhava intensamente, quase com devoção, mas em recato. Às vezes, é certo, assistíamos a uma conferência sua, ou éramos testemunhas casuais de conversas tidas com colegas, amigos ou discípulos e relacionadas com trabalhos ou livros seus; mas saber, em profundidade, as matérias a que ele se dedicava não sabíamos — aqui, eu pecadora me confesso. Em resumo, não me cabe a mim emitir juízos de valor sobre o profissional, homem de Ciência ou professor, outros o fizeram já ou farão ainda. Eu vim aqui aprender novos aspectos do meu pai e, até, só por isso, teria de estar muito obrigada a V. Excelências.

Aquilo a que me posso e quero essencialmente referir, para além das qualidades do homem intelectual, é, dito por simplificação, a dimensão moral do meu pai; uma dimensão a que só talvez posteriormente tenha dado o devido valor, depois de ter vivido tanto tempo fora de casa e da família, ter contactado com tanta gente de vários falares e nações. Quem o conhecia sabia que ele era um indivíduo recto, isento de carácter, com grande sentido de responsabilidade e do cumprimento do dever e de uma modéstia que, se já no seu tempo era invulgar, hoje em dia passou totalmente de moda. Pela minha parte posso afirmar que ainda não encontrei em parte alguma, nem dentro nem fora do país, alguém que se lhe assemelhe, que congrege essas várias facetas da sua personalidade.

O que se pede a uma filha, na situação presente, é, sobretudo, um testemunho familiar. Falar da relação pai/filha é possível, mas não é fácil.

As impressões são subjectivas e grande é o receio de esgravatar emoções, de tocar e reavivar a esfera íntima que pertence ao passado. É com esse receio que eu digo que, em criança, via o meu pai como uma pessoa bastante distante, extremamente séria, com uma grande autoridade natural — sem ser autoritário — mas que, de certo modo, me inspirava medo. Lembro-me de, ainda muito pequenita, querer quebrar essa distância, tentar fazê-lo rir por meio de cócegas e diabruras, tentativas essas que pouco frequentemente eram coroadas de êxito. Mas, se ele achava mesmo graça e se ria, tinha umas gargalhadas tão sonoras e um brilho tão travesso nos olhos, que não se me esbatem na memória. Talvez por serem momentos raros.

Antes de mim houve já quem, tendo privado de mais perto com ele, relatasse pormenores e reacções típicas, um tanto inesperadas para os que conheciam o nosso pai só de nome ou “por fora”. Eu poderia aqui citar, por exemplo, muitas saudosas e santas tardes de domingo, em que ele nos levava ao cinema — à mãe, às filhas e às amigas das filhas — para ter toda a gente satisfeita. A família estava entretida e ele, refastelado numa cadeira do camarote, na sua santa paz. Se o filme não lhe interessava — e a nossa escolha devia, em muitos casos, parecer-lhe execrável —, dormitava, sendo preciso, às vezes, dar-lhe uma cotovelada para anunciar o fim da sessão!

O curioso é que, precisamente em determinados filmes de cowboys ou em cenas de pancadaria, o pai estava bem acordado, gozava a cena, esfregando as mãos e chegando mesmo a exprimir-se em voz alta, adepto cem por cento do bom ou do vilão da fita! Tudo menos “lamechices”, como ele dizia.

Assim também, na vida real, detestava sentimentalismos bacocos; mas creio que o que mais lhe custava suportar era a estupidez humana. Ele que era uma pessoa tão comedida, avesso a exuberâncias temperamentais, chegava a exaltar-se, a barafustar, a romper intempestivamente os muros do seu autodomínio ante um dito ou uma atitude estúpida. Bem me lembro do medo que também nós, filhas, tínhamos de lhe mostrar, nos tempos da escola, os erros “estúpidos” produzidos em exercícios ou deveres de casa. Por isso é que só muito raramente o consultávamos ou lhe pedíamos ajuda; nenhuma professora era tão severa como ele nas suas avaliações.

Outra faceta muito típica do nosso pai, a que ainda ninguém aludiu até ao momento, era a sua enorme capacidade de distração, correlativa da sua enorme capacidade de concentração — a famosa distração dos concentrados. Ele era capaz de, em sociedade, se o tema da conversa ou as pessoas não lhe interessavam sobremaneira, alhear-se, ausentar-se, fugir em

espírito. Como nós dizíamos, quando éramos miúdas: lá está o pai na lua, é preciso puxá-lo para a terra pelos pés... Mas era visível que não estava superficialmente distraído; o jogo mímico, os trejeitos do rosto traíam uma funda concentração, o seu cérebro trabalhava febrilmente sobre algo a que não tínhamos acesso.

Essa extrema distração deu origem a muitas anedotas que circulavam a respeito do nosso pai. Não vou entrar em pormenores, mas posso afirmar que ele conseguia bater todos os recordes, tratando-se de trocar quaisquer objectos que não trouxesse bem agarrados ao corpo. As gabardines, os chapéus, os guarda-chuvas que ele levava para casa nunca eram os dele e, depois, era o eterno problema de descobrir a quem pertenciam e proceder à destroca.

Recordações da infância, quase remotas, estas. As de pessoa adulta são outras. E, em ambos os casos, falei e falo mais por mim própria, porque a relação da minha irmã com o nosso pai era, por certo, diferente. Uma vez que não há relações idênticas entre pais e filhos, ela deve tê-lo visto com outros olhos e estará mesmo surpreendida com o teor destas minhas recordações. Pelo que me toca, devo dizer que o tal medo que confessei ter tido em relação ao pai se transformou, ao tornar-me adulta, ou pelo menos menos criança, numa grande admiração e num carinho muito especial, que dispensava os gestos repetidos ou espectaculares.

Se eu tivesse de sintetizar numa palavra aquilo que mais me impressionava no meu pai era, sem dúvida, a sensação de grande dignidade humana que dele emanava. Sensação de verticalidade, no amplo sentido da palavra. Para ilustrar este vocábulo, que se me impõe sem substituto, vou citar um pequeno episódio que, oxalá, não lhes pareça absurdo.

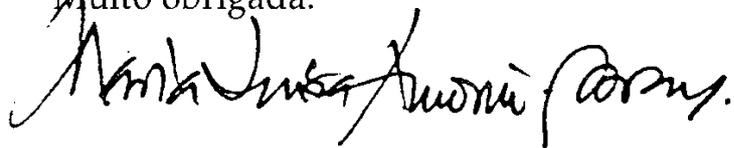
Uma vez, numa noite de Inverno, no passeio em frente ao Instituto do Vinho do Porto, na Praça do Infante, o meu pai escorregou e caiu, ficando estendido no chão a todo o comprimento. O facto de ele ter caído — e acrescento que ele não se magoou, foi, felizmente, uma queda sem consequências — de ter perdido, assim, por um momento, a “verticalidade física” impressionou-me tanto, que ainda hoje sonho com este episódio. Claro que não foi a queda em si, mas a “vulgaridade” da queda, que se me apresentou como um vexame por ele sofrido e que eu, por pudor, não devia ter presenciado. Reconsiderando, a toda esta distância, talvez fosse já e também o medo inconfessado da horizontalidade última da condição humana.

Não posso nem quero alongar-me — o tempo é escasso —, mas não

devo calar-me sem agradecer, mais uma vez, a todos os organizadores desta homenagem o empenho que nela puseram e a todos os presentes o terem vindo aqui e se terem a ela associado. Para nós, filhas, é motivo de regozijo e até — pondo de parte falsas modéstias — de orgulho e vaidade pelo pai que nos foi dado ter.

Aqui se prova que, afinal, sempre é possível ultrapassar a morte física, ir protelando a morte cabal, terminal, na medida em que se conservam vivos na memória aqueles que estimamos ou admiramos. Também e, sobretudo, por este motivo, quero ainda agradecer a todos o facto de terem ajudado a prolongar a vida do nosso pai.

Muito obrigada.

A handwritten signature in black ink, written in a cursive style. The signature reads "Maria Jussara Xavier Soares".